

O impasse da democracia na América Latina: análises na revista intelectual *Esprit*

Helenice Rodrigues da Silva
Universidad Federal do Pará
Brasil
Recibido: 19/7/2012
Aceptado: 26/2/2013

Resumen

A partir de una visión crítica y diferente de América Latina, lejos de mitos y de clichés, personalidades intelectuales del continente, en conjunto con especialistas franceses, elaboraron un análisis pormenorizado de la región en el número especial dedicado a las «Amériques Latines à la une» (octubre de 1983). La revista francesa intelectual de izquierda (tendencia *humanismo cristiano*) *Esprit* se definió por el combate contra toda forma de injusticia y opresión. Sin embargo, en pleno momento de mutaciones políticas e intelectuales en el mundo occidental, la Revista tomó distancia del modelo del compromiso político, denunciando partidismos y dogmatismos. El dossier sobre América Latina es sintomático de

su nueva propuesta de relectura de la realidad política distanciada de ideologías y ortodoxismos. La propia evolución de los acontecimientos, a principios de la década de 1980 (guerrillas en América Central, apertura política en Uruguay, Argentina y Brasil, crisis de la deuda en México), unida a la decadencia del tercermundismo (en el continente europeo), condujo a *Esprit* a rechazar los viejos estereotipos (representados por las imágenes de guerrilla, de violencia y de dictaduras) difundidos en la prensa francesa, substituyéndolos por un nuevo abordaje, propicio para revelar su complejidad, sus diferencias y sus particularidades.

Palabras clave: Revista *Esprit*, intelectualidad latinoamericana, mutación del paradigma, debilidades democráticas, revistas políticas, Temas de Nuestra América

Resumo

A partir de um olhar crítico e diferenciado da América Latina, longe de mitos e de clichés, personalidades intelectuais do continente, ao lado de especialistas franceses, elaboram uma análise



rigorosa da região no número especial consacrado às *Amériques Latines à la une* (outubro de 1983). Revista francesa da esquerda intelectual (tendência “humanismo cristão”), *Esprit* se define pelo combate a toda forma de injustiça e opressão. Contudo, em pleno momento de mutações políticas e intelectuais no mundo ocidental, a revista se distancia do modelo do engajamento político, (à maneira de Sartre) denunciando partidarismos e dogmatismos. O dossiê sobre a América Latina é sintomático de sua nova proposta de re-leitura da realidade política distanciada de ideologias e ortodoxismos. A própria evolução dos acontecimentos, neste início dos anos 1980 (guerrilhas na América Central, abertura política no Uruguai, Argentina, Brasil, crise da dívida no México), conjugado ao declínio do *terceiro mundismo* (no continente europeu), conduz *Esprit* a recusar os “velhos estereótipos” (representados pelas imagens de guerrilhas, violências, ditaduras) difundidos na imprensa francesa, substituindo-os por uma nova abordagem propícia à revelar sua complexidade, suas diferenças e suas particularidades.

Palavras-chave: *Revista Esprit*, intelectualidade latino-americana, mutações de paradigmas, fragilidades democráticas; revista política, *Temas de Nuestra América*

Enquanto produtora de ideias e propagadora de ideologias, a França exerceu, sobre os intelectuais latino-americanos formados na cultura francesa, um papel de vanguarda política até, aproximadamente, a metade dos anos 1970. Marxismo, terceiro- mundismo¹, anti-imperialismo, todos estes *ismos* berçaram as utopias revolucionárias.

Reivindicada pela esquerda francesa nos anos 1960, a ideologia terceiro-mundista, que emergiu com a descolonização, tentou preencher o vazio deixado pelo desaparecimento das lutas de classe no continente europeu. Assim, em busca de novos ideais revolucionários, os militantes de esquerda francesa voltaram seus olhares para os focos de revolução na América Latina. Se, num primeiro momento, nos anos 1960, as revistas intelectuais de esquerda interessaram-se pela revolução cubana, num segundo momento, as esperanças revolucionárias deslocaram-se para o Chile. Com a queda de Salvador Allende, cujo programa de Unidade Popular inspirou a esquerda na França, o golpe de Pinochet representou

1 A expressão Terceiro Mundo é utilizada, pela primeira vez, pelo economista e demógrafo Alfred Sauvy, na revista *L'Observateur* (agosto de 1952), passando a constituir um importante instrumento de interpretação geopolítica.



o final de um projeto de união e de *sonho*² entre socialistas e comunistas franceses.

Atraídos pelo ambiente intelectual e pela atmosfera política, a França se tornou, até a década de 1970, a terra de asilo, por excelência, para os intelectuais latino-americanos. Durante estes anos de extrema politização das ideias, os intelectuais e militantes políticos latino-americanos multiplicaram contatos com a esquerda francesa, escrevendo em revistas e em publicações da esquerda -*Les Temps Modernes*, *Esprit*, *La Pensée*, *Cahiers de l'Amérique Latine* –, análises sobre a realidade desse continente.

O engajamento político da revista *Esprit*

À semelhança de *Les Temps Modernes*, fundada por Sartre, *Esprit* ocupa no espaço cultural do pós-guerra, uma posição estratégica em termos da “exigência do saber” e da defesa de causas humanitárias e políticas.

2 “O projeto da Unidade Popular, encarnado por Allende, representava de certa maneira, uma escolha e uma abordagem, um sonho de sociedade amplamente compartilhado pela esquerda francesa, a ponto de o golpe de Estado de Pinochet ser por ela considerado a destruição de seus próprios sonhos e projetos” (Vasquez e Araújo, 1988:13).

Se semelhanças culturais e ideológicas existem entre as duas revistas, suas diferenças, do ponto de vista de sua esfera sociológica de audiência, de sua trajetória histórica, não são menos visíveis. Do ponto de vista da moral e da filosofia, estas diferenças se manifestam pela escolha de existências pessoais, pela maneira de perceber e realizar a moral, pelos fundamentos filosóficos, pelas concepções estéticas.

Corrente filosófica baseada na “experiência original da pessoa”, em oposição ao individualismo, o personalismo inspira fundamentalmente o conteúdo da revista *Esprit*. Elle foi fundada em 1932, pelo filósofo Emmanuel Mounier, em plena crise do capitalismo mundial, a partir de uma concepção global da “prioridade do espiritual” e de um fundo de pensamento cristão, a revista altera, em poucos anos, sua linha de pensamento se abrindo aos valores da esquerda.

Surgido da crise capitalista de 1929, o movimento personalista pretendia liberar o homem de todas as “alienações individuais e coletivas” através de um projeto de “revolução espiritual”. Criticando a civilização burguesa e individualista cujos fundamentos se encontravam inscritos no capitalismo, na democracia parlamentar e no marxismo (seu



determinismo e seu materialismo), o movimento personalista propunha a organização de um novo poder conduzido por uma elite espiritual e competente. Se auto determinando *não conformistas*, os intelectuais personalistas defendem as ideias e valores políticos de uma terceira força: o socialismo.

Inspirada no *humanismo econômico* de Henri Man e pelo socialismo proudoniano, a revista *Esprit*, no seu início, propõe operar uma síntese entre a livre empresa e a planificação, a economia de mercado e a coletivização, a liberdade e o determinismo. Em suma, seu projeto de revolução visa conciliar a moral com o social, as proposições marxistas às realidades do liberalismo burguês. Com efeito, *Esprit* ocupa uma posição singular no campo intelectual da época (anos 1930) em razão da dupla etiqueta assumida pelos intelectuais deste grupo, representando os cristãos de esquerda. Através de uma certa *mística do proletariado*, a revista neste momento, procura conciliar ideais cristãos com os credos do socialismo.

No entanto, a Segunda Guerra impõe ao movimento personalista uma nova maneira de perceber a ação intelectual. Novas escolhas político-filosóficas orientam novas posições da revista. A partir de então, o perso-

nalismo se traduz por uma tentativa de mediação entre o marxismo e o existencialismo. A noção de engajamento vai servir de elemento de articulação e de síntese. Segundo a expressão de Mounier, o personalismo é uma “filosofia de combate”, ou seja, uma filosofia engajada. Se, então, a existência corresponde à ação, o personalismo deve afluir a uma teoria da ação. Embora esta tendência filosófica partilha um certo número de temáticas comuns com o existencialismo (engajamento, verdade, conhecimento, inseparável de existência), ela se distancia, radicalmente, em termos ontológicos, ideológicos e políticos.

Os acontecimentos do ano de 1956 (revelação dos crimes de Stálin, insurreição reprimida pelos soviéticos na Hungria) marcam uma guinada na história de *Esprit*: o fim do paradigma marxista como referência teórica maior e a ruptura efetiva com o partido comunista: “As *chamas de Budapeste* [título do editorial da revista] conseguiram passar, se podemos dizer, do plano conceitual para o plano existencial, as dificuldades e objeções que nos haviam oposto ao comunismo”. (*Esprit*, dezembro de 1956, p. 754)

Novas orientações se operam, no seio do comitê de redação, a partir



de 1957, com a criação de uma *nova série*. De fato, elas são reveladoras de mutações que começam a se produzir no interior mesmo do campo intelectual francês. Se os princípios do personalismo não são questionados, em contrapartida, as análises político-econômicas, tidas por *verdades*, começam a ser relativizadas. Embora, se engajando contra o colonialismo, contra a guerra da Argélia e a prática das torturas, *Esprit* assume posições humanistas, reformistas, próprias a um ethos da esquerda moderada.

Esta tendência à indignação, jamais à rebelião, atravessa a revista na década de 1970. Opondo-se a interpretações dogmáticas e reducionistas, *Esprit* se impõe, no campo editorial, como referência de rigor intelectual.

Uma outra leitura da América Latina

No início dos anos 1980, a paisagem intelectual francesa apresenta sinais de profundas mutações. Os valores da esquerda tendem a se eclipsar: enfraquecimento do comunismo, declínio do marxismo, abandono do terceiro-mundismo³ ilustram o final

3 Formuladas no livro de Pascal Brückner, *Le sanglot de l'homme blanc* (1983). Trata-se de uma crítica, não ao Terceiro Mundo mas à ideologia terceiro-mundista ocidental.

de uma era de engajamento político. É neste contexto de revisões e de críticas que o editorial consagrado às “Américas Latina”, passa pelo crivo os vícios e os dogmatismos que, segundo Gilles Bataillon, impedem “tanto do ponto de vista espacial como histórico”, uma reflexão realística da América Latina (1983, p. 6).

Destacando os últimos acontecimentos ocorridos, no início desta década (manifestações violentas no Chile, contestações anti-autoritárias no Uruguai, campanha eleitoral brasileira, guerrilhas na América Central), *Esprit* insiste sobre a necessidade, por parte da imprensa francesa, da apreensão dos fatos, independentemente das ideologias. É deste modo, a partir do reconhecimento das particularidades e diferenças do território latino-americano, que as representações caricaturais do continente poderão ser abolidas.

Se as imagens das *guerrilhas* (a partir de 1959 até 1973) marcaram profundamente a representação política da América Latina, na França, a renovação democrática, iniciada nos anos 1980, contribuiria para a recusa de visões ideologizadas. Uma delas, segundo o editorial, advindas de *As veias abertas da América latina*, livro de Eduardo Galeano (1981) que narra a história de um continente,



explorado, espoliado, conquistado, inicialmente pelos espanhóis e portugueses, em seguida pelo capitalismo:

É em oposição a estas teses⁴ que pretendemos construir este número. Tentamos apreender o acontecimento e a atualidade nas suas articulações com a história latino-americana. Com efeito, longe de serem epifenômenos, estes fatos nós aparecem intrinsecamente ligados à especificidade do sub-continente. Precisávamos, portanto, ceder lugar a uma América Latina existente por si, em todas as suas dimensões, culturais, econômicas, políticas e sociais. (p. 6).

Para uma maior fundamentação do dossiê, *Esprit* se remete à revista *Plural*, em seguida, à *Vuelta*, editadas por Octávio Paz, aliás, um dos principais autores deste número. Assim, uma parte dos artigos provêm destas duas publicações. Entre a intelligentsia latino-americana, autores do dossiê, encontram-se Leonardo Boff, Guillermo Cabrera Infante, Marilena Chaui, Eduardo Colombo, Enrique Krauze, Luciano Martins, J.C.

4 *Esprit* menciona a teoria da dependência, a explicação “galtierista” (fracassos militares da guerra das Malvinas), a ideia segundo a qual a América Latina seria “uma criança atrasada do mundo ocidental”(p. 5)

Oviedo, Alfredo Rodriguez, Roberto Santana, D. Torres Fierro⁵.

Em razão da densidade e diversidade das análises, concernindo as temáticas da época: democracia, ditadura, violência, terceiro-mundismo, revolução, teoria da liberação, populismo, autoritarismo, imperialismo norte-americano, desenvolvimento, indianismo, literatura, etc, selecionamos aquela que nos pareceu representativa de uma visão global do pensamento latino-americano.

América Latina e democracia (Octávio Paz)

Um dos mais admirados e respeitados intelectuais da América Latina na Europa, Octávio Paz manteve um diálogo constante com seus pares franceses sobre temas recorrentes, debatidos pela intelligentsia no século XX : totalitarismo, democracia, nihiplismo, literatura, etc. Participando ativamente dos debates que mobilizaram os intelectuais franceses do pós-guerra, Octávio Paz foi responsável pelas publicações intelectuais *Plural* e *Vuelta*, direcionadas à arte, à literatura e, sobretudo, à política.

5 Gilles Bataillon, Philippe Burin des Rozières, Gérard Chaliand, M.C. Masson, Olivier Mongin, Daniel Pécaut, J.L.Schlegel, redatores da revista e especialistas da América Latina, completam a lista dos participantes.



Em seu livro *Itinerário*, publicado em 1993, ele afirma: “Em matéria política, nossa crítica seguiu diversas direções: o sistema político mexicano, fundado em um presidencialismo excessivo e sobre um partido de Estado; o sistema totalitário da União Soviética, com seus satélites, e o sistema chinês com os seus; as ditaduras, especialmente na América Latina; a política das democracias liberais do Ocidente, a começar pela dos Estados Unidos” (1999, p. 102).

Certamente, sua lucidez histórica e sua visão crítica dos fatos, provenientes de seu cosmopolitismo, devem-se, em grande parte, a suas experiências de vida em distintos espaços culturais. Sua vivência e experiência nos Estados Unidos, na França, na Índia permitiram-lhe a confrontação de sua cultura com outras culturas. Guardando um olhar interno e externo sobre a sociedade mexicana e latino-americana, Octavio Paz forjou uma visão mais crítica da realidade.

Se partirmos da definição tradicional do intelectual - “consciência crítica e consciência moral do seu tempo” - Octavio Paz, enquanto escritor, poeta, erudito, detentor de uma notoriedade e engajado no combate político, representa a quintessência desta figura do “intelectual”.

Aliando explicações históricas e culturais, literatura e política, passado e presente, ele percorre no seu estudo, na revista *Esprit* diversas temporalidades e espaços culturais do mundo hispânico. Ora, correndo o risco de simplificar um texto de grande densidade histórica e crítica, apontaremos algumas ideias que nos pareceram relevantes. A primeira: a democracia é uma experiência histórica; a segunda: a democracia é uma invenção da sociedade; a terceira: a inexistência de uma revolução intelectual e burguesa na América Latina; a quarta: as duas nações que colonizaram a América Latina mantiveram-se à margem da modernidade.

Afim de melhor compreender a tradição anti-moderna do continente, Octavio Paz parte de uma análise da história da península ibérica, da sua herança islâmica e da fusão entre religião e política. Assim, “a noção de *cruzada* aparecendo nas atitudes hispânicas com uma coloração mais intensa e mais viva em relação aos outros povos da Europa” (p.14). Embora as descobertas e conquistas do novo mundo, junto com o Renascimento e a Reforma, inauguram os tempos modernos, a península hispânica se retorna dos valores humanistas na defesa da Contra Reforma e da Inquisição, passando ao lado da pré-modernidade, afirma Paz. “A



teologia fecha as portas da Espanha ao pensamento moderno e o século de ouro de sua literatura e de suas artes também foi o de sua decadência intelectual e de sua ruína política”. Assim, se “os norte-americanos nasceram com a Reforma e com a Enciclopédia; nós, [originários da Espanha] com a Contra-Reforma e a neo-escolástica, ou seja, contra o mundo moderno” (p. 15).

Para uma melhor comparação entre a colonização hispânica e a inglesa na América, Paz menciona exemplos da arquitetura colonial e das imagens enganadoras da riqueza e refinamento de cidades, como Puebla e México, em relação à simplicidade austera, e aparentemente pobre, de Boston e de Filadélfia. Sem conhecer a revolução intelectual e a revolução democrática da burguesia, a monarquia católica e absoluta da Espanha se fundamenta, filosoficamente, no pensamento na Companhia de Jesús, ou seja, na renovação do tomismo.

Citando o historiador Richard Morse, autor de um estudo sobre “A cultura política iberoamericana”, publicado na revista *Vuelta*, Octávio Paz reforça a ideia segundo a qual, o neo-tomismo representava a base ideológica, política, jurídica e econômica do Império espanhol e cons-

tituiu a “escola de nossa classe intelectual, modela[ndo] seus hábitos e suas atitudes”(p.15). Para o escritor, esta influência é ainda sensível junto aos intelectuais da América Latina.

O neo-tomismo, defendendo o caráter imutável e eterno das coisas, não se integra à idade moderna que inicia-se com a crítica da verdade. Embora esta filosofia tenha desaparecido do horizonte intelectual latino-americano no século XVIII, segundo Paz, as atitudes e comportamentos, conformes a ela, perduraram até o presente. A revelação das mesmas seria a adesão total às doutrinas filosóficas; o liberalismo, o positivismo e, no presente, o marxismo.

Polêmicos e combativos, à imagem dos cruzados, os intelectuais seriam pouco respeituosos das opiniões do Outro, preferindo “as ideias à realidade e os sistemas intelectuais no lugar da prática da crítica dos sistemas”. (p. 160) . Em outras palavras, as heranças autoritárias parecem ter incidido, tanto na Espanha como na América Latina, a difícil conquista da modernidade e da democracia. Em sua leitura dos modelos revolucionários que inspiraram as independências políticas na América Latina, no século XIX, Octavio Paz tenta mostrar as defasagens históricas e culturais, ou seja, as distintas



historicidades entre os dois hemisférios: o norte e o sul.

A tradição intelectual, advinda da Reforma e da Enciclopédia, que havia formado as consciências e as mentalidades das elites francesas e norte-americanas, não chegou a ser conhecida pela América Latina. Portanto, não se desenvolveu, neste continente, as classes sociais que correspondiam, historicamente, à nova ideologia liberal e democrática.

Assim, se na França e nos Estados Unidos os grupos revolucionários exprimiam as ideias das classes sociais, na América Latina, em razão da fraqueza das classes médias e do atraso da burguesia, no século XIX, as ideias preencheram uma função de máscaras. Transformando-se “em ideologia, no sentido negativo do termo, ou seja, em véus que interceptam e desfiguram a percepção da realidade” (p. 17).

Deste modo, o movimento da emancipação das nações hispano-americanos, marcado pelo processo de fragmentação do império espanhol, produziu um modelo de poder econômico liderado por uma oligarquia local e pelo poder político concentrado nas mãos dos militares. Segundo Paz, as ditaduras e o imperialismo resultaram desta cumplicidade entre as oligarquias locais.

Essas rápidas descrições visam a melhor situar, neste contexto de inexperiência democrática, de quase inexistência de uma sociedade civil, de “ausência de uma corrente intelectual crítica e moderna”, a origem do militarismo, da ditadura e do imperialismo norte-americano. Para o autor, a democracia não seria apenas consequência de condições sociais e econômicas, subjacentes ao capitalismo e à revolução industrial; “ela é, na verdade, um conjunto de ideias, de instituições e de práticas que constituem uma invenção coletiva” (p. 18).

Entretanto, apesar da repetição, ao longo do século XX, dos golpes de Estado militares na América Latina, jamais a ideia da democracia desapareceu da consciência dos povos. Segundo Octávio Paz, a democracia no continente caracteriza a “legitimidade histórica”, lembrando que “a história da democracia latino-americana não é somente um fracasso. Durante muito tempo, as democracias do Uruguai, do Chile e da Argentina fizeram figura de exemplos”. Ao lado delas, a Venezuela e a Costa Rica constituíram, igualmente, outros exemplos. (p. 22).

Revisitando a história latino-americana da segunda metade do século XX, reveladora da desvalorização



da ideia da democracia: a revolução cubana, os golpes de Estado na América Central, as ditaduras no cône sul, Octavio Paz defende a necessidade urgente de uma transformação e de uma reforma, indissociáveis da democracia.

O intelectual e a crítica

Uma das funções do intelectual, escreve Eduard Saïd:

“consiste em destruir os esteriótipos e outras categorias redutivas ao pensamento e à comunicação. (...) O intelectual não é alguém que se pode (...) aprisionar no interior de um *slogan*, de uma ortodoxia de partido ou de um dogma imutável.” Contra o poder, o intelectual precisa desenvolver uma forma de “resistência ativa”, o que corresponderia a uma postura ética e política. Contra toda tentação de filiação política e partidária, o intelectual deve “contestar todo nacionalismo patriótico, [todo] pensamento corporativo ou sentimento de superioridade racial, de classe e de sexo” (1996, p. 61).

Nestes tempos de engajamentos partidários⁶, justificados, no caso

6 Na França, sobretudo, durante os anos 1950, 1960 e 1970, os intelectuais de esquerda se engajaram, por razões morais e políticas, contra a guerra da Argélia, o

da América Latina, pelo combate ao imperialismo norte-americano e pelas ditaduras militares, o papel do intelectual latino-americano parecia não resistir aos determinismos inerentes até mesmo ao modelo francês do intelectual engajado. Forjado por Sartre, no final da Segunda Guerra, a doutrina do engajamento político atribui ao intelectual a missão de ação na história em nome de valores da esquerda. Neste momento histórico da guerra fria, onde o mito da revolução inspirava a luta pela descolonização e pelo combate ao imperialismo, tanto o intelectual latino-americano, como seu homólogo francês tendiam a valorizar crenças e mitos. Com a mudança de paradigmas intelectuais, no início dos anos 1980 e as desilusões ideológicas⁷, os intelectuais se auto-censuram em razão de cegueiras ideológicas. Para Claude Lefort (1976) a reconciliação desses intelectuais com os valores democráticos só ocorreria a partir de uma crítica contra o totalitarismo, entendida como crítica ao gulag.

colonialismo, o imperialismo e as opressões no mundo.

7 A tradução do livro de Alexandre Soljenitsyne. *O arquipélago do Gulag*. Paris, Seuil, 1974 provoca, junto à classe intelectual da esquerda francesa, um profundo impacto levando-a a uma auto-crítica.



Ora, se os fatores sócio-históricos permitem explicar as deficiências das instituições democráticas na América Latina, as atitudes intelectuais, como observa o sociólogo brasileiro Luciano Martins, autor do dossiê na revista *Esprit*, “De la non-démocratie en Amérique Latine», não deixam de ser responsáveis pela ausência de um pensamento democrático, nos anos 1970. Segundo Martins, na ausência de defensores da esquerda, a ideia de democracia – com os Estados Unidos contribuindo para isso – foi recuperado pela direita. “(...) Resta saber como se teceu, até mesmo entre os não-marxistas, esse equívoco dramático que resultou, até muito recentemente, na desvalorização da ideia de democracia. (1983: p. 101).

Tentando explicar a complexidade dessa afirmação, Luciano Martins, exilado na França, assinala três fenômenos que, de maneira contraditória, desempenharam papel determinante em termos da elaboração ideológica: a percepção das desigualdades sociais, o nacionalismo, e a redução da ideia de progresso ao desenvolvimento econômico.

Segundo este sociólogo, a tomada de consciência da incapacidade das classes sociais a defenderem seus interesses transformou os intelectuais

latino-americanos em demiurgos das mudanças sociais. No entanto, a via escolhida não seria a representação da democracia, mas a da revolução:

A recusa em pensar as experiências ‘socialistas’, com o indispensável espírito crítico, ilustra as disjunções do pensamento dos intelectuais em relação à sua pretensa ação. Quanto ao fenômeno do nacionalismo, ele resulta das ambigüidades inerentes à valorização da nação em detrimento mesmo da sociedade. Atribuindo ao Estado a ideia das transformações sociais, os intelectuais privilegiam a questão da ruptura dos laços de dependência internacional como condição fundamental para a eliminação das desigualdades sociais. Enquanto, nos países ocidentais, o nacionalismo é um valor da direita, no Brasil, principalmente, ele foi reivindicado tanto pelos intelectuais progressistas quanto pela ditadura militar, assinala Luciano Martins (1983: p. 103).

Na opinião deste sociólogo, a redução da noção de progresso, apenas ao desenvolvimento econômico, relegou a segundo plano a ideia do social e da democracia. Desse modo, a crença em que as transformações econômicas se desviam a decisões do poder político retardou, inexoravelmente, a implantação de



uma democracia social. Os regimes militares, aliás, se serviram dessa justificativa para melhor legitimarem sua própria existência.

Descritos de maneira sumária, esses três fenômenos remetem a ideologias imperialistas, desenvolvimentistas e nacionalistas, inspiradoras do engajamento dos intelectuais. “Esperemos, então, que a problemática da reinvenção da democracia na América Latina torne-se não somente uma questão intelectual mas uma realidade política” (1983: 104), escreveu Luciano Martins, na revista *Esprit*, pouco anos antes do final do regime militar brasileiro.

Referências bibliográficas

- Brückner, P. (1983). *Le sanglot de l'homme blanc*. Paris:Seuil.
- Galeano, E. (1981). *Les veines ouvertes de l'Amérique latine* (trad.). Paris: Plon.
- Lefort, C. (1976). *Un homme en trop – réflexions sur le totalitarisme*. Paris: Seuil.
- Martins, L. (octobre 1983). «De la non-démocratie en Amérique Latine». In: Amériques Latines à la une. *Esprit*, Paris. Pp. 97-ss
- Mongin, O. (oct. 1983). «La critique de la religion tiers-mondiste... et après» in: Amériques Latines à la une. *Esprit*, Paris. Pp. 8-ss.
- Mounier, E. (1985). *Le personnalisme*. Paris:PUF.
- Paz, O. (oct. 1983). Amérique latine et démocratie. In: Amériques Latines à la une. *Esprit*, Paris. Pp. 12-ss.
- Paz, O. (1996). *Itinéraires* (trad.). Paris:Gallimard.
- Rodrigues Da Silva, H. (1995). *Texte, action et histoire – réflexions sur le phénomène de l'engagement*. Paris:L'Harmattan.
- Sartre, J. P. (octobre 1945). «Présentation». *Les Temps Modernes*, n. 1, Paris:Gallimard.
- Saïd, E. (1996). *Des intellectuelles et du pouvoir*. Paris:Seuil.
- Vasquez, A; Araujo, A. M. (1988). *Exils latino-américains – la malédiction d'Ulysse*. Paris:L'Harmattan.
- Winock, M. (1975). *Histoire politique de la revue Esprit – 1930/1950*. Paris:Seuil.

